

# CONCLUSÃO

Wilbur (Dr. Gilberto) Norman Pickering, ThM PhD

Aí estão sete estratégias missionárias de Cristo. Podem existir outras, tranqüilamente, mas são estas que Deus me impulsionou a comentar. O enfoque do livro é nitidamente transcultural, reconheço, mas não peço desculpas por isso pois as ordens de Jesus e o coração de Deus abrangem o mundo. Se tudo estivesse correndo às mil maravilhas, se estivéssemos acertando o plano de Deus em cheio, não haveria porque escrever um livro; bastaria continuar continuando. Como nossa omissão maior diz respeito aos confins da terra, às etnias perdidas do mundo, como é esse aspecto das ordens de Jesus que mais temos desprezado, foi exatamente esse lado que enfatizei. Contudo, será que estas estratégias não têm implicações e aplicações diretas para as nossas igrejas, para a vida cotidiana, para o ministério e o evangelismo locais? Parece-me óbvio que sim. Torno a dizer que estas verdades têm o potencial e a capacidade de transformar as vidas, os lares, as igrejas, a sociedade, quiçá o mundo!

Concluí a INTRODUÇÃO com este dizer: "se de forma geral, a partir de agora, o nosso povo evangélico acertar e seguir as estratégias missionárias de Cristo, poderemos terminar de alcançar o mundo dentro de 05 anos. Senão, vejamos." "Senão, vejamos." O resto do livro prendeu-se à tentativa de "ver". Agora a palavra está com o leitor. Consegui vindicar e validar a tese? Que tal? O irmão acha que podemos "terminar de alcançar o mundo dentro de 05 anos"? Se "não", por que não? As ordens de Cristo não têm o impacto estratégico que apresentei? As estratégias não terão o alcance e o efeito que afirmei? Onde está o problema--não está em nós? Vamos rever as estratégias.

1) Rogar ao Senhor da seara por obreiros--sendo coerente. 2) Alcançar **simultaneamente** a nossa Jerusalém, a nossa Judéia e Samaria, e os confins da terra. 3) Fazer **discípulos**, não meramente convertidos. 4) Resgatar as pessoas do poder de Satanás. 5) Viver em função do Reino de Deus, não para si. 6) Pregar o Evangelho a cada pessoa--pois não há inocente. 7) Seguir o exemplo de Jesus. Sinceramente, se de forma geral assumíssemos apenas uma, qualquer uma, bastaria uma, dessas estratégias ninguém mais segurava a Igreja. Mas se assumirmos duas, três ou todas (por que não todas?), aí seguramente poderemos terminar de alcançar o mundo dentro de 05 anos. Aliás, por que não terminar até o ano 2.000?! Já pensou? Que lindo presente para o nosso Noivo!! Vamos lá? Vamos que vamos! Vale a pena, meus irmãos! Vale a pena!

Vale a pena deixar de lado o nosso egoísmo, a nossa mesquinhez, o nosso bairrismo, o nosso etnocentrismo, as nossas ambições meramente pessoais, o nosso denominacionalismo, enfim a nossa pequenez espiritual--coisas todas que Satanás aproveita para neutralizar nosso potencial--vale a pena deixarmos essas coisas de lado e somarmos as forças em torno do objetivo comum. Aprendamos com os outros. O tempo está pouco; não podemos mais nos dar ao "luxo" de aprendermos tudo por conta própria, repetindo os mesmos erros que nossos antecessores cometeram. Tenho lido subsídios importantíssimos oriundos da obra na América Central; entre eles quero comentar a seguinte análise da história missionária. Distinguem-se três fases no relacionamento entre os missionários estrangeiros e a liderança nacional que surgia como fruto do esforço missionário. Na primeira fase predomina o paternalismo: os missionários tendem a desprezar a opinião dos irmãos naturais do lugar, impondo suas próprias idéias e a cultura religiosa de seus países de origem. Na segunda fase vem a reação nacionalista; a liderança nacional dá o troco, rejeitando as idéias (e às vezes a participação) dos missionários estrangeiros. Na terceira fase alcança-se um nível de maturidade espiritual e emocional que permite trabalharem juntos num clima de respeito mútuo, cada um contribuindo com o que melhor pode. É natural que vítima de ação paternalista queira revidar, e talvez seja até necessário diante dum paternalista intransigente, mas temos que achar um jeito de alcançar a terceira fase sem demora. O desafio que temos pela frente exige um esforço comum, exige a melhor contribuição de cada qual.

Proponho o seguinte. Precisamos nos humilhar perante Deus e sua Palavra, tentando distinguir entre os verdadeiros valores do Reino e os valores da nossa cultura nacional e religiosa. Amados irmãos, temos que chegar ao ponto de dar prioridade aos valores do Reino de Deus--sempre que houver conflito entre algum valor do Reino e algum valor da nossa cultura (seja nacional ou religiosa), o valor do Reino tem que prevalecer. Por favor, irmãos, elevar valores nossos acima dos valores de Deus também é idolatria! Que Deus nos ajude a parar com isso! Agora vejam, se

procedermos dessa forma teremos um terreno comum onde nenhuma cultura humana é tida como superior a outra e com isso poderemos trabalhar juntos em harmonia. Que tal? Será que não valerá a pena?

Têm outras coisas que nos dividem; existem polarizações que possivelmente vão além daquilo que o Texto Sagrado ensina. Quando impomos nossas idéias ao Texto e adotamos posições radicais sobre essas idéias, abrimos um bom espaço para a atuação de Satanás em nosso meio e ficamos sem vontade de respeitar os outros e sem o desejo de trabalharmos juntos. Vou citar várias polarizações, numa ordem arbitrária: fundamentalismo contra liberalismo, premilenismo contra amilenismo, salvação espiritual contra libertação social, calvinismo contra arminianismo, pentecostalismo contra tradicionalismo, lei contra graça, intelecto contra emoções ou sentidos, obras contra fé, humanismo contra cristocentrismo, o poder e a atuação de Deus contra o poder e a atuação de Satanás. Os assuntos não são de importância uniforme, e os pares de assuntos não são de ambigüidade uniforme. Asseguro ao leitor que tenho convicções claras e estudadas a respeito de todos esses assuntos. Não estou propondo um ecumenismo espúrio; muito pelo contrário. Devemos fechar questão em torno das verdades fundamentais que definem a nossa Fé. No entanto, convenhamos que ninguém entre nós é infalível e portanto ninguém entre nós é dono da verdade. Se pessoas inteligentes e de boa fé discordam na sua interpretação do Texto Sagrado é possível que exista alguma ambigüidade nesse Texto e devemos estudar a questão com respeito, cuidado e calma. Depois, se a questão não implica em salvação, i.e. se alguém pode estar enganado e ainda vai para o Céu, então é uma questão de importância secundária e em torno de tais questões podemos fazer uso de alguma moderação e tolerância (reconheço que certas questões que eu definiria como secundárias têm alcance prático e estratégico considerável). Novamente a solução é mantermos uma postura de humildade perante Deus e sua Palavra.

Para encerrar, convido a atenção do leitor para um detalhe interessante. É que cada versão da Grande Comissão que encontramos nos quatro Evangelhos, e em Atos também, traz uma declaração de **poder**. "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt. 28:18). "Estes sinais hão de acompanhar os que crêem" (Mc. 16:17). "Até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc.24:49). "Recebei o Espírito Santo" (João 20:22). "Recebereis poder" (Atos 1:8). A mola mestra é o poder que o Espírito Santo nos dá; sem esse poder, nada feito. Então, meus irmãos, vamos nos submeter conscientemente ao Espírito Santo para andarmos cheios do seu poder, pois assim teremos condições de cumprir as ordens de nosso Mestre, inclusive de terminar de alcançar o mundo nos próximos anos.